

cadernos
IHU
ideias

**Derrida e o pensamento
da desconstrução:
o redimensionamento do sujeito**

Paulo Cesar Duque-Estrada



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



cadernos **IHU** ideias

**Derrida e o pensamento
da desconstrução:
o redimensionamento do sujeito**

Paulo Cesar Duque-Estrada

ano 8 • nº 143 • 2010 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 8 – Nº 143 – 2010

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Antonio Cesar Machado da Silva

Revisão

Isaque Gomes Correa

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

DERRIDA E O PENSAMENTO DA DESCONSTRUÇÃO: O REDIMENSIONAMENTO DO SUJEITO

Paulo Cesar Duque-Estrada

O subtítulo deste texto situa a perspectiva pela qual tentarei proceder a uma apresentação do chamado pensamento da desconstrução de Jacques Derrida. Parece-me oportuno falar aqui da desconstrução nesta perspectiva específica por duas razões. Não só para evitar o risco de uma apresentação muito genérica – falar em geral do pensamento da desconstrução em geral –, mas, principalmente, para contribuir, através de uma apresentação em torno da problemática do sujeito no âmbito do pensamento da desconstrução, para as discussões que terão lugar aqui no XI Simpósio Internacional IHU, uma vez que a problemática do sujeito encontra-se diretamente relacionada aos temas da “vida humana” e da “biopolítica” que serão abordados proxima-mente no referido evento.

Tomarei por referência o texto¹ de uma longa conversa com Jean-Luc Nancy a propósito de uma pergunta formulada por Nancy e endereçada a vários autores com orientações distintas de pensamento dentre eles Derrida. A pergunta de Nancy, que é a um só tempo o tema e o título de uma publicação que reúne as respostas de cada um dos autores, é a seguinte: “quem vem após o sujeito?” [*Qui vient après le sujet?*] Nancy justifica a formulação da pergunta nos seguintes termos²:

Quem vem após o sujeito? Esta questão pode ser explicada do seguinte modo: uma das principais características do pensamento contemporâneo é o pôr em questão a ins-

1 DERRIDA, J.: “Il faut bien manger” ou Le calcul du sujet. In: Points de suspension. Galilée. Paris, 1992.

2 A entrevista com Derrida foi inicialmente publicada, em parte, num volume especial da revista de filosofia *Topoi*, de língua inglesa, em torno da questão “Who comes after the subject?” Uma edição francesa deste mesmo volume foi publicada no ano seguinte em *Cahiers Confrontation*, 20, hiver, 1989. A edição francesa contém a entrevista de Derrida na íntegra. Uma edição americana ampliada contendo, igualmente na íntegra, a entrevista com Derrida foi publicada em forma de livro com o título *Who Comes after the Subject*. Routledge. Eduardo Cadava, Peter Connor, Jean-Luc Nancy. Nova Iorque e Londres. 1991. O trecho da carta de Jean-Luc Nancy aqui citado é retirado da versão americana.

tância do “sujeito”, de acordo com a estrutura, o sentido e o valor subsumidos sob este termo no pensamento moderno de Descartes a Hegel, se não a Husserl. Todas as decisões inauguradoras do pensamento contemporâneo (...) levaram a cabo um questionamento da subjetividade. Um discurso difundido em uma época recente proclamou a simples liquidação do sujeito. No entanto, tudo parece apontar para a necessidade não de um “retorno ao sujeito” (proclamado por aqueles que gostariam de pensar que nada aconteceu, e que não há nada de novo a ser pensado exceto, talvez, algumas variações ou modificações do sujeito), mas, ao contrário, de um movimento adiante em direção a um alguém mais – a um mais alguém [*some one else*] – em seu lugar (esta última expressão é obviamente uma mera conveniência: o “lugar” não poderia ser o mesmo). Quem seria? Como ele/ela se apresentaria? Podemos nomeá-lo/la? A questão “quem” se adapta ao que se quer perguntar aqui? (...).

Em outras palavras: se é apropriado assinalar algo como uma coisa pontual, uma singularidade ou como sendo da ordem de um aqui [*a hereness*] (*haecceitas*), enquanto lugar de emissão, recepção ou transição (de afeto, de ação, de linguagem, etc.), como se poderia designar a sua especificidade? Ou será que esta questão precisaria ser transformada – ou, de fato, o levantamento mesmo desta questão já não tem mais lugar? (*or is it in fact out of place to ask it?*).³

Passemos então à resposta de Derrida.

Chamo a atenção para dois aspectos mais gerais da sua argumentação que se desdobra ao longo do seu texto e que constituem uma importante característica do seu pensamento. Trata-se de dois aspectos tão inseparáveis quanto, pelo menos aparentemente, incompatíveis entre si. O primeiro deles aparece logo no início do texto como uma contraposição, na forma de uma advertência, à ideia de morte, de fim ou, como se lê no texto de Nancy, de “liquidação do sujeito”. “Um discurso, difundido em uma época recente”, diz Nancy, “proclamou a simples liquidação do sujeito.” Ao que Derrida faz questão de deixar clara a sua discordância senão repulsa à maneira de colocar o problema nesses termos:

(...) não sei, a que conceito filosófico pode corresponder esta palavra [liquidação] que eu compreendo melhor em outros códigos: finanças, banditismo, terrorismo, criminalidade civil ou política; e não se fala, pois, de “liquidação” se não que se colocando na posição da lei ou mesmo da polícia.⁴

3 *Who comes after the subject*. Página 5. Todas as traduções são minhas.

4 *Il faut bien manger...* p. 270.

Com essa última afirmação, Derrida está se referindo ao lugar do discurso daqueles que criticam não apenas ele mas também outros autores por terem alegadamente promovido a liquidação, a eliminação, o fim do sujeito; com todas as consequências que daí se seguem; a perda de critérios, a impossibilidade da crítica, a ausência de rigor, o relativismo, a confusão, a desorientação, etc. Colocando-se contra esta ordem de coisas, a postura adotada por seus críticos, assumindo o lugar da lei e da polícia, como diz Derrida, consiste em denunciar, acusar e mesmo tomar providências contra um tal dano:

O diagnóstico de “liquidação” denuncia em geral uma ilusão e uma falta, ele acusa: quiseram “liquidar”, acreditaram poder fazê-lo, nós não o deixaremos. O diagnóstico implica assim uma promessa: nós iremos fazer justiça, nós iremos salvar ou reabilitar o sujeito. Palavra de ordem, portanto: retorno ao sujeito, retorno do sujeito.⁵

Em defesa não apenas do seu próprio trabalho mas de toda uma certa configuração do pensamento francês, a qual ele se inclui e que compreende uma certa recepção dos chamados mestres da suspeita – Marx, Freud e Nietzsche, além de Heidegger, autores estes contra os quais se dirige, igualmente, a crítica da liquidação do sujeito (e notadamente à luz da recepção de suas respectivas obras na França) –, Derrida deixa claro o caráter equivocado desta pretensa crítica que, em verdade, segundo ele, acaba não se dirigindo a ninguém. De fato, como diz, se o sujeito foi posto em questão em alguns dos mais notórios discursos filosóficos ocorridos na França no curso dos últimos vinte e cinco anos, isto não significa que tais discursos tenham “procurado ‘liquidar’ o que quer que seja”. Referindo-se, a título de exemplo, a três nomes representativos desta configuração do pensamento francês, Lacan, Althusser e Foucault, ele diz:

De acordo com estes três discursos (Lacan, Althusser e Foucault⁶), de acordo com certos pensamentos que eles privilegiam (Freud, Marx, Nietzsche), o sujeito é talvez reinterpretado, resituado, reinscrito, ele certamente não é “liquidado”. A questão “quem?”, notadamente em Nietzsche, persiste ainda com mais força. O mesmo é verdade para Heidegger (...). O questionamento ontológico que se dirige ao *subjectum* em suas formas cartesiana e pós-cartesiana é tudo menos uma liquidação.⁷

5 *Idem, ibidem.*

6 Sobre o discurso de Foucault: “Talvez se trate ali de uma história da subjetividade que, malgrado certas declarações massivas sobre o apagamento da figura do homem, não consistiu certamente em ‘liquidar’ O Sujeito. E em sua última fase, também ali, retorno da moral e de um certo sujeito ético.”

7 *Il faut bien manger...* p. 271.

Isto em relação ao primeiro aspecto da argumentação de Derrida que gostaria de enfatizar aqui: pôr o sujeito em questão não significa aboli-lo, liquidá-lo, mas, antes, reinscrevê-lo, ressitua-lo.

Seria de se esperar então que, em resposta à pergunta de Nancy – quem vem após o sujeito? –, Derrida viesse a oferecer um outro sujeito, modificado, ressituido, renovado após o seu questionamento. No entanto, e aqui entramos no segundo aspecto da sua argumentação que também gostaria de enfatizar, Derrida irá, ao invés, problematizar o “quem” da pergunta de Nancy, recusando-se a oferecer um discurso que incida diretamente sobre o sujeito, seja antes ou depois do seu questionamento. A razão de tal procedimento é também antecipada, de imediato, por Derrida. Segundo ele é preciso se precaver contra uma *doxa* que comanda a própria formulação da questão:

A questão “Quem vem após o sujeito?” (...) supõe, segundo uma certa opinião filosófica, que hoje, em sua configuração mais visível, alguma coisa nomeada “sujeito” possa ser identificada, como poderia ser identificado o seu suposto ultrapassamento no interior de pensamentos ou discursos identificáveis.⁸

É preciso, portanto, evitar o pensamento confuso de uma *doxa*, de uma opinião, de uma “opinião filosófica”, como ele diz. O cerne da confusão consiste em se permanecer e insistir na consideração de um suposto algo como O Sujeito. Ora, dirá Derrida, “jamais houve para quem quer que seja O Sujeito”⁹. Talvez o texto que melhor aponte para o embasamento desta sua afirmação seja *Voz e Fenômeno*¹⁰, dedicado a uma leitura de Husserl. Pode-se dizer que Derrida se propõe ali a explicitar as várias formas de não presença que são constitutivas da suposta presença a si do sujeito husserliano. Sem podermos tratar disto aqui, vejamos apenas um exemplo mencionado pelo próprio Derrida:

É no interior, se assim se pode dizer (...) do presente vivo, esta *Urform* da experiência transcendental, que o sujeito compõe com o não sujeito ou que o *ego* se encontra marcado, sem poder fazer dele a experiência originária e apresentativa, pelo não *ego* e, sobretudo, pelo *alter ego*. O *alter ego* não pode se apresentar, tornar-se uma presença originária para o *ego*. Só há apenas uma apresentação analógica do *alter ego*. Este não pode jamais se dar “em pessoa”,

8 *Idem, ibidem.*

9 *Idem, ibidem*, p. 279.

10 *La voix et Le phénomène*. Paris: PUF, 1967. *Voz e Fenômeno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994.

ele resiste ao princípio dos princípios da fenomenologia, a saber, o dado intuitivo da presença originária.¹¹

Esta *não presença a si do sujeito*, como enfatiza Derrida, não traduz originariamente uma hipótese ou um argumento sustentado em algum discurso filosófico distinto da fenomenologia. Ela ocorre na própria fenomenologia, “sobre a linha mesma de sua possibilidade”; ou seja, ela é intrínseca à própria constituição do sujeito fenomenológico. Não presença, portanto, que ao mesmo tempo estrutura e inviabiliza, põe em marcha e interdita a relação a si como presença a si. Isto se aplica igualmente, segundo Derrida, mas não é possível tratar disto aqui, a todas as outras formas de sujeito e não apenas ao sujeito husserliano¹². Poderíamos dizer, numa palavra, que a não presença a si constitui a verdade ou, o que vem aqui a dar no mesmo, a não verdade da relação a si em todo e qualquer sujeito.

É esta constatação que vai sustentar a recusa de Derrida em falar de superação, ultrapassagem ou mesmo “liquidação” do sujeito o que suporia, como já se viu, a identificação de algo, O Sujeito¹³. Mas tal coisa, em verdade, nunca esteve presente, nem mesmo no âmbito dos discursos canônicos que tratam da sua constituição enquanto tal. Segue daí uma postura e uma tarefa de pensamento.

Uma postura de pensamento: evitar a confusão.

Não aceitarei entrar em uma discussão no curso da qual se suporia saber o que é o sujeito, este “personagem” que seria o mesmo para Marx, Nietzsche, Freud, Heidegger, Lacan, Foucault, Althusser e alguns outros, e que todos eles estariam de acordo em liquidá-lo.¹⁴

Uma tarefa de pensamento: ao invés da superação ou liquidação do sujeito, pensar o seu deslocamento ou, melhor, pensar através de seu deslocamento. Não que o sujeito sofra, em algum momento, um deslocamento. O deslocamento diz respeito, desde sempre, à constituição mesma do próprio sujeito. A não presença a si, que lhe é intrínseca, nos permite realizar que todo sujeito é, já e sempre, um sujeito deslocado; instância fundadora e fundada ao mesmo tempo, constituinte e constituída. Intervalo *entre* esses dois momentos, o sujeito não pode ser tomado

11 *Il faut bien manger...* p. 278.

12 Cf., p. 279.

13 E não só dele, O Sujeito, mas também de seu ultrapassamento como algo também identificável no interior de discursos igualmente identificáveis. Outra problemática que não pode ser tratada aqui: supor a homogeneidade identificável de um discurso – kantiano, nietzscheano, heideggeriano, etc. – independentemente dos processos de edição, seleção, tradução, interpretação, comentários, etc. que seriam considerados como meros acidentes empíricos, estranhos à interioridade do discurso “enquanto tal”.

14 *Idem, ibidem*, p. 273.

como o centro na experiência do pensamento; centro este que, repetimos, nunca se deu, nunca esteve presente a si enquanto tal. Deste modo, não sendo “algo” mas um intervalo, um deslocamento, um “entre” dois momentos, não se pode propriamente falar sobre O Sujeito. Pode-se sim, e esta é a tarefa de pensamento que ele propõe, inscrever sobre o termo “sujeito” ou, como diz, “escrevê-lo, escrever ‘sobre’ ele”. Este escrever “sobre” – entre aspas no texto de Derrida – não significa um escrever a cerca de *algo* que, de resto, nunca houve, nunca esteve presente. Significa, antes, um escrever na superfície de um intervalo, de um “entre” a que acabei de me referir. Como entender isto? Tentemos dar aqui mais um passo.

Se nunca houve O Sujeito, há, contudo, uma problemática do sujeito. É desta problemática de que trata Derrida. O fato dela não ser homogênea – afinal, tal problemática reúne construções teóricas diferentes, com seus respectivos discursos, conceitos, métodos, estratégias e perspectivas diferentes – não impede que se possam perceber certos traços comuns. Por exemplo, e é o que efetivamente interessa a Derrida, toda filosofia do sujeito tem o seu ponto de partida “em uma estrutura de *relação a si como tal e de reapropriação*.”¹⁵ Ora, a desconstrução dos discursos que se edificam a partir destes dois pressupostos, presença a si e reapropriação de si, não acontece como a consequência ou o resultado da aplicação de um suposto método desconstrucionista. A desconstrução ocorre por força de tais discursos, justamente para se constituírem enquanto discursos do sujeito ou sobre o sujeito, precisarem denegar o fato mesmo de não haver, de nunca ter havido, presença a si do sujeito e, portanto, também não a possibilidade de sua reapropriação enquanto tal. Denegação esta que é condição, a um só tempo, da construção e desconstrução dos discursos sobre O Sujeito. Outro modo de dizer que a desconstrução já se encontra sempre dada na construção mesma desses discursos. Ela não é, portanto, alguma coisa exterior que, do lado de fora, sobrevenha a tais discursos. Sempre se pode dizer, a respeito da desconstrução, que ela acontece e inevitavelmente acontece porque os discursos já trazem na estrutura interna de suas respectivas construções a sua desconstrução. Eles se constroem “desconstrutivamente”, poderíamos dizer, do mesmo modo, aliás, que se desconstroem “reconstrutivamente”. Esta dinâmica – construção/desconstrução –, que é apontada pelo pensamento da desconstrução, não pode ser pensada em termos de uma lógica opositiva: ou, de um lado, preservação, salvação, ou, de outro, aniquilamento, perdição.

Quanto à escrita de Derrida, justamente por se encontrar atravessada por esta dinâmica, ela não vai se situar em uma li-

15 *Idem, ibidem*, p. 282.

nha de continuidade, de desdobramento, interior aos discursos das chamadas filosofias do sujeito. Ela não quer ser nem uma crítica, que possa oferecer uma nova fundamentação, mais rigorosa, do sujeito, nem uma hermenêutica que possa desdobrar ou aprofundar uma leitura sua, e nem ainda um comentário exegético que possa vir a explicitá-lo. Optar por qualquer uma dessas possibilidades significa permanecer preso à confusão daquela “opinião filosófica”, como ele se refere, que postula a existência de algo, O Sujeito, que pode ser recolocado criticamente, interpretado, explicitado.

Isto por um lado. Mas, por outro lado, justamente pelo seu pleno reconhecimento de que a desconstrução acontece graças e através das próprias construções discursivas, que ela não sobrevém a estas pelo “lado de fora”, a escrita derridiana não pretende se situar “do lado de fora” dos discursos. Aliás, segundo Derrida, sempre que se tem a pretensão de se situar em um suposto “fora” – um fora da representação, da subjetividade, do cálculo, da metafísica, do poder, da violência, etc. –, recai-se em uma forma, via de regra, mais sutil de denegação que estabelece as condições propícias à emergência ainda mais potente daquilo mesmo que se pretende se afastar a partir de um suposto “fora”. Nem dentro e nem fora, a escrita de Derrida vai se situar na linha inencontrável de um “entre” que diferencia e põe em relação um relato e o que é nele relatado, um texto e o que é referido no texto. A diferença de que se trata aqui – nesta “linha inencontrável”, como disse, que diferencia e põe em relação – não é uma diferença opositiva entre duas coisas supostamente já dadas e distintas entre si; o relato de um lado, o relatado de outro; o texto de um lado, o que é referido pelo texto de outro. Trata-se, antes, de uma diferença não opositiva, *différance*, na terminologia de Derrida. O termo permite pensar duas coisas interligadas: 1) que o mostrar-se de qualquer coisa se dá sempre na relação – que, aliás, como toda relação, é uma *relação de diferença* – de uma estrutura referencial. O que se mostra mostra-se enquanto referido em uma referência; 2) que os termos de uma relação – como, aliás, em todo referencial –, na verdade, nunca se mostram. O seu aparecimento “enquanto tal” é algo sempre e ao mesmo tempo prometido e adiado. No duplo sentido do termo “diferir”, que significa tanto diferenciar quanto adiar, postergar.

Tomemos, como exemplo, o que viemos considerando até aqui: a questão do sujeito. Nos relatos sobre o sujeito, como já vimos, aquilo que neles é relatado, O Sujeito, nunca esteve presente enquanto tal. Sua presença é prometida e adiada em cada um dos textos que se referem ao sujeito. O mesmo, aliás, se poderia dizer sobre cada um desses mesmos textos, já que também a presença deles “enquanto tal” se promete e se adia em cada leitura, em cada interpretação, em cada tradução, em cada comentário, enfim, em toda e qualquer referência a cada um de-

les. Esta última observação nos permite depreender, em toda a sua extensão, o que é dito numa passagem que lemos linhas acima em que Derrida chama a atenção para um pressuposto confuso, uma *doxa*, que comanda a questão “Quem vem após o sujeito?” Tal questão, como ele diz,

(...) supõe, segundo uma certa opinião filosófica, que hoje, em sua configuração mais visível, alguma coisa nomeada “sujeito” possa ser identificada, como poderia ser identificado o seu suposto ultrapassamento no interior de pensamentos ou discursos [também estes, igualmente]¹⁶ identificáveis.

Mas o que é importante enfatizar aqui é que, para além da problemática do sujeito, esta não presença do que é relatado no relato, do que é referido no discurso, e vice-versa, ou seja, a não presença do relato mesmo, do texto mesmo “enquanto tal”; esta não presença diz respeito, em verdade, à linguagem em geral. Eis, portanto, um traço que não é exclusivo da problemática do sujeito, mas, antes, da condição mesma de se estar na linguagem, ou, em outras palavras, de se habitar sempre uma linguagem: o texto comparece diante do que é por ele referido; este último, por sua vez, comparece diante do texto; e, no entanto, diz Derrida em *Devant La loi*, “nada se apresenta verdadeiramente neste comparecimento (...)”¹⁷ Não fosse esta dessimetria, a estrutura referencial entraria em colapso e, com ela, toda legibilidade, toda compreensibilidade. A escrita que é própria ao pensamento da desconstrução tem lugar a partir desta constatação que Derrida sintetiza, ainda em *Devant La loi*, nos seguintes termos:

A leitura pode, com efeito, revelar que o texto é intocável, propriamente intangível, *porque legível*, e, ao mesmo tempo, ilegível, na medida em que a presença nele de um sentido perceptível, apreensível, permanece tão oculta quanto sua origem. *A ilegibilidade já não se opõe mais à legibilidade*.¹⁸

Em uma palavra, nada aparece “enquanto tal”; esta é a verdade – ou a não verdade – de toda referência, de todo “texto”. Isto não quer dizer que Derrida proponha reduzir tudo a um simples problema de leitura de textos para, em seguida, destituir os próprios textos de todo conteúdo, dando lugar a uma estéril manipulação de significantes. Na verdade, o que Derrida entende por texto diz respeito a toda estrutura referencial, não se limitando à extensão da linguagem; portanto, não se limitando ao texto

16 Acréscimo meu.

17 Préjugés: *Devant La loi*. In: Lyotard et al. *La faculté de juger*. Minuit. Paris. 1985, p. 109.

18 *Idem, ibidem*, p. 115.

escrito em um papel ou na tela do computador. Como ele diz em *Limited Inc*:

O que eu chamo de “texto” implica todas as estruturas ditas “reais”, “econômicas”, “históricas”, socioinstitucionais, em suma, todos os referenciais possíveis. Outro modo de recordar, uma vez mais, que *não há extratexto*. Isso não quer dizer que todos os referenciais estão suspensos, negados ou encerrados num livro, (...). Mas isso quer dizer que todo referencial, toda realidade tem a estrutura de um traço diferencial e só nos podemos reportar a esse real numa experiência interpretativa. Esta só se dá ou só assume sentido num movimento de retorno no diferencial [ou seja, poderíamos acrescentar ao texto de Derrida, num movimento de retorno no “diferir” nos dois sentidos de *diferenciação e adiamento da presença vistos acima*].¹⁹

Dito isto, para voltarmos à questão do sujeito, à questão sobre “quem vem após o sujeito?”, e uma vez tomadas as devidas precauções quanto à confusão envolvida nesta interrogação, Derrida vai propor que se pense a subjetividade de um outro modo. E isto de tal forma que o próprio termo “sujeito” ou “subjetividade” seja usado com muita cautela, justamente pelo peso das determinações metafísicas – como “domínio”, “adequação a si”, “centro e origem do mundo”, etc. – que o acompanham. Aliás, quanto ao uso do termo, melhor seria, segundo Derrida, que, por um lado, se pudesse “esquecer um pouco” esta palavra – “sujeito”, como também “subjetividade” –, muito embora, por outro lado, como ele mesmo reconhece, tal palavra seja “inesquecível”. O que, portanto, ele se propõe fazer em relação ao tratamento do termo não é, efetivamente, esquecê-lo mas, como diz, “ordená-lo, assujeitá-lo às leis de um contexto que ele – [o sujeito] – não domina mais a partir do centro.”²⁰

Abrem-se aqui duas linhas de investigação, na perspectiva de um pensamento da desconstrução, que só podemos aqui situar e deixar, para uma outra oportunidade, uma discussão mais detida sobre as mesmas:

Por um lado, considerando o deslocamento ou descentramento inerente ao sujeito, Derrida vai se interessar não pela questão dizendo respeito a “quem vem após o sujeito?”, mas pela problematização – poderíamos também dizer, pela desconstrução – desta questão. E isto através de outras vias interrogativas, tais como: “quem ou o quê responde à questão sobre o ‘quem’?”²¹ Ou seja, de que lugar e com base em quais pressupostos e com vistas a que se diz, da parte de alguém ou de algo, alguma coisa em nome do “quem”; deste “quem” que, suposta-

19 *Limited Inc*, p. 203. Itálico e colchetes meus.

20 *Il faut bien manger...* p. 282.

21 *Idem, ibidem*, p. 273.

mente, diz respeito a todos “nós”. Mas, “nós... quem?”; e “quem” diz “nós”?

Isto por um lado. Mas segue, por outro lado, uma segunda linha de problematização que se acha intimamente relacionada à primeira. Trata-se efetivamente de um trabalho de pensamento voltado para a desconstrução de tudo aquilo que, nas determinações tradicionais do sujeito, se reúne em torno da expressão “como tal”. Derrida está propondo, com isto, que se pense a subjetividade de um outro modo, livre da pretensão metafísica do “como tal” que a comanda e a mobiliza. Esta é, aliás, a razão dos termos “sujeito” e “subjetividade” praticamente desaparecerem de seu vocabulário. Em uma palavra, a subjetividade é pensada por Derrida enquanto “relação a si sem presença a si”. Resulta daí uma primeira consequência, aliás, nada desprezível. Como relação a si sem presença a si, “a subjetividade já não pode mais ser pensada como um atributo exclusivo do ser humano.” Aqui se depreende o que constituiria um duplo gesto dogmático, de acordo com a argumentação de Derrida. Primeiro, atribuir à subjetividade a estrutura do “como tal”; segundo, como decorrência imediata do primeiro, atribuir a subjetividade – pensada nesses termos – como um traço exclusivo do ser humano em distinção a tudo o mais. Derrida:

Ao insistir sobre o *como tal*, eu designo de longe o inevitável retorno de uma distinção dogmática entre a relação a si *humana*, quer dizer, de um ente capaz de consciência, de linguagem, de uma relação à morte como tal, etc., e uma relação a si *não humana*, incapaz do *como tal* fenomenológico (...).²²

Mesmo no caso dos autores que falam do sujeito como não coincidente consigo mesmo e que reconhecem a sua constitutiva inadequação, ainda assim, Derrida não os acompanha. E isto justamente pelo fato de tais autores ainda “continuarem a ligar a subjetividade ao homem”²³. Ao procederem desta forma, tais autores não apenas permanecem apoiados em uma distinção dogmática – entre, de um lado, os homens e, de outro, todo o resto –, prolongando, desta forma, o centralismo do sujeito que eles pretendem refutar; como também, dogmaticamente, seguem associando os seus respectivos esquemas de uma subjetividade descontínua, partida, não coincidente a si, à totalidade de um “nós”, seres humanos. Em contrapartida a esta imposição – do todo, do uno, do “enquanto tal” – o pensamento da desconstrução irá propor uma defesa incondicional da singularidade²⁴ do que nunca se mostrou, e jamais se mostrará, enquanto tal.

²² *Il faut bien manger...* p. 283.

²³ *Idem, ibidem.*

²⁴ Em outras palavras, do infinito posto que singular.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kruschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (ant)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado mineiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud

- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
- N. 53 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Addressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 68 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 69 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 70 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 71 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 72 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 73 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 74 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 75 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 76 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 77 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 78 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 79 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 80 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 81 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 82 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 83 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 84 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 85 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 86 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 87 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 88 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 89 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 90 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 91 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 92 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 93 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 94 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 95 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 96 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 97 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 98 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 99 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 100 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 101 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 102 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 103 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 104 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 105 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 106 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha

- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, termo e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth* – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas



Paulo Cesar Duque-Estrada é professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, realizou pós-doutorado na New School for Social Research. Fez seu doutorado no Boston College e mestrado na PUC-Rio. É diretor do Núcleo de Estudos em Ética e Desconstrução – NEED. É membro, dentre outros, dos grupos de trabalho “Heidegger” e “Desconstrução, Linguagem e Alteridade”; também é membro do “Grupo de Pesquisa Ontologia, Fenomenologia e Hermenêutica” e da “Sociedade Brasileira de Fenomenologia – SBF”. É organizador de três coletâneas com publicações de trabalhos dos pesquisadores do NEED – *Espectros de Jacques Derrida* (Ed. NAU/PUC-Rio, 2008); *Desconstrução e Ética: ecos de Jacques Derrida* (Ed. Loyola/PUC-Rio, 2004) e *Às Margens: a propósito de Derrida* (Ed. Loyola/PUC-Rio, 2002).

Algumas publicações do autor:

Derrida: o pensamento da desconstrução diante da obra. In: Os filósofos e a arte. Ed. Rocco. São Paulo, 2010.

Perdón, historia y justicia: notas sobre una (im)posible relación con el otro. In: Por amor a Derrida. Ed. La Cebra. Buenos Aires, 2008.

A questão da alteridade na recepção levinasiana de Heidegger. In: Veritas. Vol. 51. Número 2. Porto Alegre, 2006.